

CORREIO ESPORTIVO

POPULAR

A ascensão meteórica do tenista João Fonseca, de 18 anos, já se reflete em sua popularidade nas redes sociais.

O brasileiro ultrapassou a marca de 1 milhão de seguidores no Instagram, e é o mais jovem tenista a atingir tais números. João Fonseca chegou à marca de 1 milhão de seguidores no Instagram. Segundo Bastien Fachan, jornalista francês, o brasileiro é o tenista mais jovem a atingir essa marca na rede social.

João Fonseca atingiu nova marca



Reuters/Folhapress

Sucesso dentro e fora das quadras

O tenista brasileiro conseguiu esse feito com 18 anos e sete meses, mais rápido do que o espanhol Carlos Alcaraz, que atingiu a marca aos 19 anos, no Masters de Madrid, na temporada 2022.

O brasileiro tem cha-

mado a atenção de grandes nomes do tênis.

Até mesmo o sérvio Novak Djokovic, maior campeão de Grand Slams, já elogiou o jovem e disse que ele "tem sido o assunto do circuito nos últimos meses".

Venda

O Vasco vendeu os mandos de campo dos jogos contra Palmeiras e Botafogo, pelo Brasileirão. Os jogos serão no Mané Garrincha, em Brasília. O clube receberá mais de R\$ 2 milhões por jogo.

Naming Rights I

Visando uma nova fonte de renda, a diretoria do Flamengo estuda vender os naming rights do lendário Maracanã. A ideia é procurar uma empresa forte para comprar o nome por 20 anos.

Infraestrutura

Em entrevista ao SporTV, o CEO Thairo Arruda disse que 2025 será voltado para desenvolver a infraestrutura do Botafogo, com melhorias no CT e a construção de um estádio 'reserva' para 25 mil torcedores.

Naming Rights II

A decisão conta com o aval do Fluminense, que também gere o estádio de forma minoritária. No entanto, isso terá de ser debatido com o dono do Maracanã, o Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Ednaldo Rodrigues reeleito

Presidente terá novo mandato na CBF e pode se reeleger até 2034

Por Luciano Trindade e Lucas Bombana (Folhapress)

Ednaldo Rodrigues, 71, foi reeleito nesta segunda (24) o presidente da CBF. Depois da fracassada tentativa do ex-jogador Ronaldo de lançar uma candidatura opositora, o atual mandatário acabou declarado vencedor por aclamação por não ter nenhum outro adversário.

Historicamente, os presidentes angariam apoio suficiente das federações estaduais nos meses que precedem a eleição, tornando o pleito uma mera formalidade - a última vez em que as eleições na CBF tiveram dois concorrentes foi em 1989.

"Ao longo dos últimos anos, enfrentamos muitos desafios. Sofremos todo tipo de preconceito e perseguições. Tentaram até um golpe. Resistimos e vencemos",



Rafael Ribeiro/CBF

Combate ao racismo será prioridade no novo mandato

declarou Ednaldo, que obteve os votos das 27 federações e dos 40 clubes das Séries A e B.

Na reta final de seu atual mandato e durante todo o ciclo do próximo, de março de 2026 a março de 2030, o dirigente terá a missão de cumprir uma importante e difícil promessa,

de combater a discriminação no futebol, sobretudo o racismo.

O compromisso consta, inclusive, no lema definido pela chapa do cartola: "Por um Futebol Mais Inclusivo e Sem Discriminação de Qualquer Natureza". Apesar de ressaltar a "inclusão", não há nenhuma mulher no grupo indica-

do para compor os vice-presidentes. São oito homens.

É o combate ao racismo, porém, a principal bandeira de Ednaldo Rodrigues. E a razão pela qual ele entrou em rota de colisão com a Conmebol na véspera do pleito. Após a assinatura do presidente da CBF aparecer em uma carta contra o racismo feita em conjunto pela Conmebol e as outras nove federações da América do Sul, com um texto de apoio às medidas da entidade contra a discriminação, a CBF voltou atrás e disse discordar do teor da publicação e também da forma de condução dos recorrentes casos.

Ednaldo assume o segundo mandato com o compromisso assumido junto aos clubes de maior transparência e participação na gestão e de apoio à criação de uma liga do futebol brasileiro.

Punições mais duras contra o racismo

Em um ofício assinado por Rodrigues, o presidente da confederação brasileira eleva o tom das críticas a Alejandro Domínguez, que preside a confederação sul-americana. O principal caso citado pelo dirigente brasileiro para mostrar seu descontentamento com as medidas da Conmebol aconteceu no jogo entre Palmeiras e Cerro Porteño, pela Libertadores Sub-20, quando o jogador Luighi foi vítima de racismo.

"A CBF discorda veementemente da atuação da Conmebol nos casos de racismo e muito menos que a entidade esteja em conformidade com as medidas mais rigorosas imple-

mentadas nas mais importantes ligas, confederações e Fifa", diz trecho do ofício.

No documento diz que a pena aplicada ao clube paraguaio foi "uma sanção inócua, ineficaz e insuficiente diante da gravidade do evento, dos danos irreparáveis causados aos atletas e a reincidência do clube paraguaio".

Como a carta divulgada pelas confederações pela Conmebol tinha a assinatura de Ednaldo, a CBF ainda fez questão de apontar que isso foi feito por um membro do gabinete do dirigente, que teria permitido que ele assinasse porque continha um convite para uma reunião.

Mais do que cobranças à Conmebol, o mandatário da confederação do Brasil sabe que será cobrado por ações práticas para mostrar o comprometimento da CBF com o combate ao racismo, inclusive em jogos no Brasil.

Na semana passada, o Ministério Público Federal abriu uma investigação sobre uma possível omissão da CBF no episódio citado. O inquérito apura uma suposta negligência na defesa do jogador, em ações que não teriam sido tomadas pela CBF, entre elas, pedir acesso à súmula, questionar a interrupção da partida e não contestar a multa de

US\$ 50 mil (R\$ 287 mil), considerada pequena.

A CBF tem dez dias para responder aos questionamentos do MPF, que marcou uma reunião para o dia 28 de março, com o ministro do Esporte, André Fufuca (PP-MA), o presidente da confederação, além de representantes da entidade JusRacial, autora da representação.

Como a última mudança no estatuto da CBF permitirá que Ednaldo concorra a uma nova reeleição, ele pode estar à frente da entidade máxima do futebol do Brasil até março de 2034, sob a cobrança de sua promessa de combate ao preconceito.

INTERNACIONAL

CORREIO NO MUNDO

TURQUIA

A repressão às maiores manifestações em mais de uma década na Turquia já resultou na prisão de 1.133 pessoas, segundo o ministro do Interior do país, Ali Yerlikaya. Este número inclui ao menos dez



Reuters/Folhapress

Protestos tomaram conta da Turquia

jornalistas e dois advogados, de acordo com organizações da sociedade civil. Os protestos começaram em Istambul na quarta (12), quando o então prefeito de Istambul, Ekrem Imamoglu, foi preso sob acusações de corrupção - ele nega.

Nomeado candidato à presidência

Desde então, os atos se espalharam para mais de 55 das 81 províncias do país. Rival de Recep Tayyip Erdogan e prestes a ser nomeado candidato à Presidência pela sua sigla, o popular prefeito de 53 anos era considerado por muitos

o único político capaz de derrotar o presidente turco, no poder há mais de 20 anos, nas eleições de 2028. No domingo (23), Imamoglu foi eleito candidato à Presidência pelo Partido Popular Republicano, por 15 milhões de votos.

Colômbia I

Ao menos 13 integrantes dissidentes de dois grupos guerrilheiros colombianos foram mortos em operações entre sábado (22) e domingo (23). As Forças Armadas da Colômbia afirmaram que as ações aconteceram em diferentes estados.

Pedido de paz

No domingo (23), moradores da aldeia de Versalles, na Colômbia, realizaram uma marcha com velas acesas e camisas brancas pedindo paz em seu território. No mesmo dia, uma autoridade indígena do povo Bari foi atacada.

Colômbia II

No domingo, autoridades confirmaram a morte de quatro integrantes de dissidências das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) na aldeia Palpis, em Ricaurte, Nariño, e a apreensão de material de guerra e comunicação.

Venezuela

Quase 200 deportados dos EUA chegaram à Venezuela na segunda (24), em uma operação que marca a retomada dos voos de migrantes do país sul-americano após o retorno de Trump à Casa Branca.

Mais ataques e negociações

Ucrânia e Rússia ignoram trégua enquanto negociam com os EUA

Por Igor Gielow (Folhapress)

Enquanto os EUA buscam fazer avançar as negociações de paz para encerrar a Guerra da Ucrânia com nova rodada de conversas nesta segunda (24), Ucrânia e Rússia seguem ignorando o cessar-fogo parcial a que ambos se comprometeram com Donald Trump. Teoricamente, ambos os lados deveriam evitar ataques à infraestrutura energética do vizinho, mas desde a noite domingo (23) até esta manhã as ações continuaram de forma indiscriminada.

A Rússia disse ter abatido 227 drones ucranianos, sem revelar quantos havia lançado. Alguns deles miraram uma estação de bombeamento de petróleo em Krasnodar (sul), que já havia sido atingida na semana passada ao lado de centrais de trânsito de gás.

Mais importante, ainda que aí não entre no escopo proposto pelos EUA para a trégua, foi o



Reuters/Folhapress

Enquanto políticos debatem, é o povo ucraniano que sofre

emprego de mísseis americanos Himars com munições de fragmentação contra um campo de aviação em Belgorodo, no sul russo. Segundo as Forças Especiais da Ucrânia, dois helicópteros de ataque e dois de transporte foram destruídos na noite de domingo.

Na mão inversa, Moscou lançou 99 drones contra alvos

em toda a Ucrânia, com a Força Aérea local relatando a derrubada de 57 deles.

Ao menos quatro pessoas morreram, disse Kiev. Em Sumi (nordeste), uma ação com mísseis feriu 74 pessoas, segundo a prefeitura. O Kremlin diz que a ordem para não atacar infraestrutura energética está valendo, mas

os ucranianos relataram danos à distribuição elétrica.

Nesta segunda, uma delegação russa encontrou-se com o time negociador americano em Riad, a capital saudita. É a terceira vez que isso ocorre: houve uma reunião de mais alto nível, com os chefes da diplomacia dos dois lados presentes, na mesma cidade há mais de um mês, e depois um encontro de nível técnico na Turquia.

Ainda que oficialmente todos os itens de uma eventual paz possam estar na mesa, o foco segundo o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, é a volta da chamada Iniciativa de Grãos do Mar Negro, que foi mediada pela Turquia e pela ONU permitiu, de julho de 2022 a julho de 2023, que a Ucrânia escoasse sua produção de grãos até o Mediterrâneo e, dali, para mercados globais. A Rússia queria o mesmo para seus fertilizantes, mas sempre se queixou que Kiev não cumpria sua parte, atacando com drones marítimos seus navios.

Milei derruba sigilo da ditadura Argentina

O governo de Javier Milei anunciou nesta segunda (24) que irá retirar o sigilo dos documentos militares da época da ditadura (1976-1983). Hoje em mãos da Inteligência nacional, eles passarão para o Arquivo Nacional, um órgão que vem sendo enxugado. O anúncio ocorreu no Dia Nacional da Memória pela Verdade e a Justiça, um feriado que remete à data na qual os militares tomaram o poder em 1976 ao derrubar o já controverso governo de Isabelita Perón, e foi feito por porta-voz Ma-

nuel Adorni em uma mensagem gravada em vídeo.

O governo também promete outra ação, essa mais controversa: diz que enviará um projeto de lei ao Congresso para estabelecer que os crimes cometidos por grupos guerrilheiros sejam imprescritíveis. Na Câmara, o governo consegue forjar maioria. No Senado, o cenário é mais complicado, já que há maioria peronista.

O tema é uma promessa de campanha de Milei, figura rechaçada pelas organizações de direitos humanos, como as Avós e as Mães da Praça de Maio, mas

benquista entre familiares de militares que foram mortos antes ou depois do período repressivo dos anos 1970 e 1980.

"Essa administração defende que o que aconteceu no passado deve permanecer nos arquivos da história, e por isso termina com a opacidade que rodeou durante décadas os documentos e os coloca à disposição da sociedade", disse o porta-voz.

O governo Milei confronta afirmações históricas de organizações de direitos humanos na Argentina relacionadas à ditadura. A mais notável, o número

de mortos e desaparecidos pelo regime militar. A cifra oficial diz que seriam 8.600, cifra reconhecidamente subnotificada, e desde os anos 1990 essas organizações calculam que seriam ao menos 30 mil pessoas. Milei diz que o número de 30 mil não é verdadeiro.

Para muitos, o governo propõe um revisionismo histórico do período militar que peca por equiparar a violência cometida pelas mãos do Estado à violência cometida por agrupamentos armados civis.

Por Mayara Paixão (Folhapress)